



Álibi para celebrar Pixinguinha

TARDES DE SÁBADO PASSAM A SER COMPROMISSO DE MÚSICOS DAQUI E DE FORA COM O CHORINHO E COM A MÚSICA INSTRUMENTAL CRIATIVA E DE QUALIDADE

JORGE SANGLARD ESPECIAL

Um autêntico ninho de cobras do instrumental brasileiro marcou a inauguração do Clube do Choro de Juiz de Fora, que passa a movimentar as tardes de sábado na Toca da Raposa (av. Brasil, 3840). A iniciativa de reunir chorões daqui e de fora para apresentações sistemáticas tem como mestres de cerimônia o ritmista Márcio Gomes o bandolinista Cazé. E a comemoração do centenário de nascimento de Pixinguinha (1897/1973) é o álibi perfeito para celebrar

encontros musicais.

O primeiro destes encontros mágicos desta vertente da autêntica música instrumental brasileira juntou no mesmo palco chorões consagrados e promissores. Alinhando tudo, o compromisso com a música criativa e de qualidade. A força do choro resiste ao modismo e atravessa o século como manifestação musical inventiva e popular. Assim, o batismo de fogo do Clube do Choro de JF teve como padrinhos alguns gigantes como Jonas do Cavaquinho, Carlinhos Leite, Ronaldo do Bandolim e Toni Sete Cordas, além de contar com expoentes da nova geração como Beto do Cavaco, Alexandre

Maionese, Marcello Gonçalves e José Paulo Becker.

Entre os chorões juizforanos, vem marcando presença Cazé, no bandolim, José Luiz, no clarinete, Fernando e César, no violão de sete cordas, José Carlos, no violão e cavaquinho, Kim Ribeiro, na flauta, e Márcio Gomes, no pandeiro. A intenção dos instrumentistas da cidade é transformar o Clube do Choro numa verdadeira oficina de música, ampliando a divulgação do gênero e formando novos chorões. O objetivo é a expansão do número de admiradores do choro e a realização de eventos onde músicos juizforanos e de outros centros troquem informações.

O choro resiste ao modismo

MANIFESTAÇÃO MUSICAL POPULAR E ATEMPORAL, O CHORINHO GANHA NOVO FÔLEGO

Jorge Arbach

O choro é uma linguagem instrumental tipicamente brasileira, fruto da fusão de ritmos europeus e africanos, e surgiu no Rio de Janeiro em torno de 1870, bem antes do jazz despontar nos Estados Unidos. O primeiro grande compositor e instrumentista do choro foi o flautista Joaquim Antônio Callado. A este músico sucederam-se nomes como Pattápio Silva, Anacleto de Medeiros, Ernesto Nazareth, Chiquinha Gonzaga, Pixinguinha, Waldir Azevedo, Jacob do Bandolim, entre outros.

O ritmista e fundador do Clube do Choro em Juiz e Fora, Márcio Gomes, ressalta que o surgimento das gravações elétricas e a popularização do rádio nas décadas de 30 e 40, proporcionaram ao choro, juntamente com outros ritmos nacionais, grande divulgação, o que permitiu o acesso a amplas camadas da população. Nessa época, o que era divulgado pelos meios de comunicação refletia, com pouca ou nenhuma distorção, a produção musical dos centros urbanos.

Márcio Gomes aponta como decisivo o fato de as gravadoras, posteriormente, perceberem o crescente e promissor mercado fonográfico no país e, antevendo a possibilidade de lucros fabulosos mediante a montagem de esquemas promocionais em parcerias com os meios de comunicação, passaram a ditar o que deveria aparecer nas programações musicais das rádios e, depois, das emissoras de televisão. A partir daí, segundo o ritmista, teve início uma inversão de modelos: ao invés das preferências musicais do público determinarem a programação das rádios, as gravadoras e os meios de comunicação impuseram, de cima para baixo, um gosto musical.

Márcio Gomes aponta que a generalização desse procedimento levou o grande público a só tomar conhecimento daquela programação definida, em pacotes, nos gabinetes dos executivos das gravadoras e dos grupos de comunicação da época. Assim, segundo o ritmista, essa situação levou o público a acreditar que as demais manifestações musicais simplesmente deixaram de existir. E esse equívoco fez com que as pessoas pensassem que o choro era uma música de época, executado por alguns poucos saudositas. Prova disso são algumas matérias na grande imprensa do eixo Rio-São Paulo sobre o choro, que eventualmente utilizam expressões como: "os chorinhos estão de volta" ou "uma viagem pelo túnel do tempo".

Instrumentista reafirma vitalidade musical

O fundador do Clube do Choro de Juiz de Fora denuncia que este enfoque transmite uma informação falsa e ajuda a desenvolver uma visão preconceituosa em relação ao gênero musical.

O ritmista enfatiza a vitalidade do choro: "A bem da verdade, e com conhecimento de causa, podemos afirmar com plena convicção que o choro está vivo e forte. E é tocado apreciado em todo o país, e até no Japão. Podem ser encontrados grandes instrumentistas em Brasília, que tem o mais atuante Clube do Choro,

além de Belém, Fortaleza, Recife, Curitiba, Belo Horizonte, São Paulo e Porto Alegre. Isso sem falar no Rio de Janeiro e Niterói, berços do choro, onde essa linguagem musical é extremamente popular. O número de lançamentos de CDs de choro pelo país afora é um exemplo da força dessa manifestação musical. Só no ano passado, o fundador do Clube do Choro de JF contabiliza mais de 25 CDs lançados, sendo 23 no Brasil, um na França e outro nos Estados Unidos. E ressalta: "como estão fora do circuito das grandes gravadoras, dificilmente o interessado

consegue achá-los nas 'boas casas do ramo', o que reforça a idéia incorreta de que o choro está em extinção".

Como no jazz, pode-se constatar a coexistência entre formas mais tradicionais e mais modernas no choro, tanto no que diz respeito às composições, como no tocante às instrumentações adotadas, às harmonizações, à busca de novos timbres e sonoridades. Márcio Gomes aponta como exemplo disso o genial violonista Raphael Rabello, prematuramente desaparecido, que rompeu barreiras e foi aplaudido internacionalmente to-

cando, com grande personalidade, choros de Ernesto Nazareth, Pixinguinha, Jacob Bittencourt, Radamés Gnatalli, além de músicas de sua própria lavra. Paulinho da Viola é outro exemplo da atualidade do choro, com inúmeras peças gravadas, algumas de grande requinte harmônico e melódico. E o ritmista acrescenta à lista de chorões: Tom Jobim, Sivuca, Hermeto Paschoal, Chico Buarque, Cristóvão Bastos, Laércio de Freitas, Wagner Tiso e Marco Pereira, entre outros.

Por se tratar de uma linguagem instrumental e de difícil

execução, Márcio Gomes ressalta que não se pode ter a ilusão de que o choro venha se popularizar como outros gêneros de comunicação mais imediata com o público. Entretanto, o choro é uma importante expressão musical brasileira e deveria representar, para o brasileiro, o mesmo que o jazz para os norte-americanos. Para tanto, afirma o fundador do Clube do Choro de JF, bastaria apenas que os meios de comunicação no país dedicassem ao choro o mesmo tratamento que é dispensado ao seu equivalente norte-americano.

